



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS — III GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS — HABILITAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA**

ANA VALÉRIA SOUZA DE MÉLO

**ESTRATÉGIAS NARRATIVAS VIA ÁLIBI NO ROMANCE POLICIAL OS *CRIMES*
ABC, DE AGATHA CHRISTIE**

**GUARABIRA
2021**

ANA VALÉRIA SOUZA DE MÉLO

ESTRATÉGIAS NARRATIVAS VIA ÁLIBI NO ROMANCE POLICIAL *OS CRIMES DO ABC*, DE AGATHA CHRISTIE

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras.

Área de concentração: Literatura

Orientador: Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes

GUARABIRA

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M528e Mélo, Ana Valéria Souza de.
Estratégias narrativas via Alibi no romance policial Os crimes ABC, de Agatha Christie [manuscrito] / Ana Valeria Souza de Melo. - 2021.
31 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.
"Orientação : Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Os crimes ABC. 2. Estratégias narrativas. 3.
Personagens. 4. Romance policial. I. Título

21. ed. CDD 840

ANA VALÉRIA SOUZA DE MÉLO

ESTRATÉGIAS NARRATIVAS VIA ÁLIBI NO ROMANCE POLICIAL OS *CRIMES DO ABC*, DE AGATHA CHRISTIE

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras.

Área de concentração: Literatura

Aprovada em: 05/10/2020.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Vilian Manguiera
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Paulo Aldemir Delfino Lopes
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

RESUMO

Este artigo tem como objetivo explorar as estratégias narrativas através do personagem e álibi no romance policial *Os crimes ABC*, a fim de explorar os elementos que constroem o suspense na história. Para tanto, é necessário discutir os componentes que caracterizam a obra como de suspense a partir da coleta de material teórico sobre o tema, assim como analisar os fatores que colaboram para que o mistério se conserve no decorrer da narrativa e investigar o processo de escrita da autora apontando quais os efeitos desse método dentro da narrativa. Realiza-se, então, uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, fundamentada através de Highsmith (2014), Klismith (2014), Piglia (2004), entre outros. Diante disso, constata-se que a autora faz uso de uma série de técnicas para alcançar os objetivos desejados, também que os personagens são parte da originalidade do romance, e, por fim, como as estruturas colaboram para a efetivação do efeito, o que impõe a constatação de que os processos narrativos empregados na *novella* de Christie faz parte de um conjunto de técnicas que produzem o suspense e consequentemente a surpresa.

Palavras-chave: *Os crimes ABC*. Estratégias narrativas. Personagens. Romance policial.

ABSTRACT

This article aims to investigate the narrative strategies via the character and alibi in the detective story *The A.B.C murders* by Agatha Christie, in order to investigate features that establish the tension within the story. To that end, it is necessary to discuss the elements that shape the work as a suspense narrative grounded on a collection of theoretical literature on the field of study, as well to examine the elements that contribute to the mystery being preserved throughout the story, as well as investigating the writer's creative process to illustrate the effects of this technique within the narrative. Qualitative and bibliographical methodological procedures are carried out in this research, based on the theories by Highsmith (2014), Klismith (2014), and Piglia (2004), among others. From that, we conclude that the author employs a number of techniques to achieve the desired results, in addition to the fact that the characters are intrinsic to the novel's authenticity. Finally, we verify how the structures collaborate to achieve the desired effect, reinforcing the idea that the narrative processes employed in Christie's novel are part of a set of tactics that create suspense and, as a result, mystery.

Keywords: The ABC Crimes. Narrative strategies. Characters. Detective story.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REVISÃO TEÓRICA	9
2.1 Agatha Christie	9
2.2 Romance Policial	11
2.2.1 Suspense e Efeito	15
3 AS CARACTERÍSTICAS DOS CRIMES ABC	17
3.1 A estrutura	17
3.1.1 Os suspeitos e suas classes	20
3.2 Personagens, álibi e esclarecimento do caso	22
3.3 Narrador	27
4 CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

1 INTRODUÇÃO

O gênero literário romance policial é um dos mais populares no mundo, e existem algumas possíveis razões para isso. Uma delas é que geralmente no momento em que a história chega ao seu desfecho o detetive apresenta uma solução de todo o caso, repleto de detalhes fazendo com que o leitor sinta que nada se perdeu na história. Outra provável explicação é que esse tipo de narrativa instiga a curiosidade de quem está lendo, uma vez que o leitor busca saber quem é o verdadeiro assassino e procura confirmar se suas intuições estão corretas.

Por isso, o suspense é um forte aliado para esse gênero visto que faz: “[...] o receptor a aguardar com impaciência o remate da acção que assim o prende e, muitas vezes, a saltar páginas para mais rapidamente o conhecer. [...]” (FURTADO, 2009).

O romance *Os Crimes ABC* foi publicado pela primeira vez pela editora Collins Crime Club em 1936 no Reino Unido. A narrativa relata um caso peculiar: através de cartas cujo remetente se identifica como ABC, são informadas datas e locais que ocorreriam assassinatos. No entanto, esses locais e pessoas não eram escolhidos aleatoriamente, essas pessoas eram selecionadas pela ordem alfabética de seu nome pessoal e de sua localização. Quando os crimes eram cometidos e as vítimas encontradas, junto a cada uma delas, era identificado também um guia ferroviário intitulado ABC da Grã-Bretanha. Instigado pela singularidade do caso, Poirot, sendo o destinatário das cartas, começa a investigar o caso junto ao seu amigo Hastings e ao inspetor Jeff.

Durante a narrativa construída por Christie o uso da técnica trazida para sua composição tem demasiada relevância, visto que a autora emprega algumas concepções inovadoras e criativas para promover assim a incerteza dos acontecimentos posteriores. Essas são manifestadas no personagem Franklin Clarke, criado por ela para ser o assassino em série. A narrativa mostra que ele cometeu os crimes fazendo o uso de um álibi que gira em torno do alfabeto, mais especificamente das letras iniciais do mesmo, as letras a, b, e c. A história que está ocorrendo por meio desse álibi é apresentada ao leitor nas páginas iniciais, levando ele — que se encontra buscando conjuntamente ao detetive descobrir quem está por trás das mortes — a desconfiar prontamente do personagem A. B. Cust.

Quando se pensa em estratégias literárias para tornar a narrativa mais instigante para o leitor, o efeito é algo que pode ser citado, pois é ele que irá direcionar toda a história. Poe em uma resenha sobre a coletânea de contos *Twice-told tales*, de seu contemporâneo Nathaniel Hawthorne, discorre sobre atributos importantes da escrita de um autor e ele cita: “Se a primeira frase não se direcionou para esse efeito, ele fracassa já no primeiro passo. Em toda a composição não deve haver sequer uma palavra escrita cuja tendência, direta ou indireta, não leve àquele único plano pré-estabelecido” (POE, 2016, p.4). No instante em que a concentração é depositada no alfabeto — no ponto que torna o livro original — é alcançado, página por página, o direcionamento para que a revelação final seja ainda mais surpreendente.

Diante disso, tendo a finalidade de analisar o romance de Agatha Christie através de estratégias provenientes do romance policial e do suspense, indagamos quais meios são aplicados para que se mantenha o mistério no romance de suspense de Christie, quais são os métodos pré-existentes, os usuais e os que foram criados pela autora e como podem ser identificados nele. Além disso, é levantado o questionamento sobre a relevância do efeito para o gênero, de que modo o leitor reage ao efeito causado e como esse é evidenciado na narrativa.

Por isso, em um primeiro momento, supõe-se que a autora faz uso de recursos, a partir da escrita, para confundir o leitor, chamando a atenção para aspectos que não são importantes para resolução da história, como, por exemplo, as cartas que Poirot recebe com o guia ferroviário e também concebendo relevância a personagens aleatórios apontando-os como suspeita inicial. Bem como quando é colocado os elementos principais em segundo plano, por exemplo, quando o personagem que comete os crimes é descrito igualmente da mesma forma que os personagens secundários são descritos.

A autora Agatha Christie possui uma vasta lista de produções literárias tanto de contos quanto de romances, além de ter escrito algumas peças teatrais. Inúmeras obras dela são populares mundialmente e o livro *Os crimes ABC* está incluído nessa categoria.

A narrativa policial é comumente estudada e já foi discutida inúmeras vezes por acadêmicos sua relevância; todavia, o gênero é analisado, geralmente, como um todo ou é apenas estudado os livros de Sir Arthur Conan Doyle, com a sua coleção de romances e contos de Sherlock Holmes. No entanto, há uma imensa

lista de produções de variados escritores, que contém as suas próprias especificidades, dando possibilidade para que se possa fazer um estudo individual e aprofundado.

A obra *Os crimes ABC* é uma narrativa repleta desses aspectos do suspense que por definição é: “[...] a sensação intensa que um público passa enquanto espera o desfecho de determinados eventos. Basicamente, deixa o leitor prendendo a respiração e querendo mais informações” (LITERARY DEVICES, 2010-2019 – tradução nossa). Essa é uma característica indispensável do romance policial. Agatha Christie também utiliza aspectos do suspense que normalmente são usados por escritores do gênero e une às suas próprias estratégias, entregando para o leitor a experiência da surpresa ao chegar na resolução do caso dada por Hercule Poirot.

Ao iniciar um estudo acerca do romance policial de Christie, propomos fazer uma análise crítica dos aspectos estratégicos que a autora faz uso em sua narrativa, buscando investigar e trazer um aprofundamento do que se trata apenas de suas especificidades individuais nesse romance em particular.

2 REVISÃO TEÓRICA

2.1 Agatha Christie

Agatha Mary Clarissa Christie, mais popularmente conhecida pelo nome de Agatha Christie, nasceu em 15 de setembro de 1890 em Devon, Inglaterra, sendo reconhecida mundialmente por sua escrita de narrativas policiais e de mistério, tendo alcançado reconhecimento em vida, e veio a falecer aos seus 85 anos de idade, no ano de 1976.

Agatha Christie teve sua carreira de escritora incitada por sua família. Sua primeira produção literária foi escrita por estímulo de sua mãe. Outra pessoa que a incentivou a escrever foi uma de suas irmãs que a desfiou a escrever uma história que houvesse um assassinato e o assassino sendo descoberto apenas ao chegar ao fim do livro, e, dessa forma, deu-se início a sua carreira, a partir desse livro que foi publicado anos depois. Tal livro foi publicado em 1920 com o título de *O misterioso caso de Styles*, sendo esse um dos mais populares da autora até hoje.

Assim sendo, foi responsável pela escrita de uma grande coleção de mais de 100 produções literárias, criadas em um período de 57 anos. A autora entrou para o

livro dos recordes (The Guinness Book) por ser a escritora com mais cópias comercializadas de seu acervo completo, possuindo mais de três bilhões de cópias vendidas pelo mundo, sendo eles traduzidos para mais de 100 idiomas. Tornou-se ainda a autora da peça mais encenada do mundo, *A ratoeira*, que teve sua estreia em 1952, é encenada até os dias atuais.

Agatha Christie fez parte do movimento a Era de Ouro da Inglaterra, sendo um dos nomes mais importantes da época para a era:

Na Grã-Bretanha, a Idade de Ouro tem um ponto de origem coincido com a publicação do primeiro romance de Agatha Christie, *The Mysterious Affair at Styles*, em 1920, e o reinado da "Rainha do Crime" continuou até muito depois da Idade de Ouro, naturalmente, ser considerada finalizada, no início da Segunda Guerra Mundial. (SCAGGS, 2005, p. 26. - tradução nossa¹)

Durante esse período, surgiu o grupo Detection Club, fundado no ano de 1929, de cujo clube Agatha era integrante, e os autores que o constituíam incluíam algumas normas que deveriam ser cumpridas por eles no que diz respeito à escrita do grupo, no entanto:

[a]s novelas de Christie quebraram sistematicamente cada uma das dez regras do 'Detection Club' e as vinte regras de Van Dine, mais visivelmente em *The Murder of Roger Ackroyd* (1926), o furor que a trouxe à atenção do mundo. (MAKINEN, 2010, p. 417 - tradução nossa)²

Sabendo das quebras de regras da autora também é perceptível o descumprimento de uma das dessas normas em *Os crimes ABC*, isso porque em uma destas determina que os autores devem mostrar o assassino no início (sem que ele seja revelado), todavia o assassino em *Os Crimes ABC* é mencionado apenas na metade do livro.

A coletânea de inscritos de Christie é imensa, especialmente quando se trata das narrativas de detetives, que trazem *plots* bastante originais. Além de sua vasta coleção de novelas que somadas há um total de 68, a autora possui um conjunto de cem contos, 19 peças, seis romances e ainda três volumes de poemas. Sua produção narrativa foi inúmeras vezes adaptada para o cinema, além de inspirar muitos filmes e personagens. Dentre esses os mais populares são *The murder of*

¹ In Britain, the Golden Age has a convenient point of origin in the publication of Agatha Christie's first novel, *The Mysterious Affair at Styles*, in 1920, and the reign of the 'Queen of Crime' continued until long after the Golden Age is normally considered to have ended, in the wake of the Second World War.

² Christie's novels systematically broke each of the ten rules of the "Detection Club" and Van Dine's twenty rules, most famously in *The Murder of Roger Ackroyd* (1926), the furore around which brought her to the world's attention.

roger ackroyd, *Murder on the orient express*, *And then there were none*, *The A. B. C. Murders*, *Crooked house* entre muitos outros.

Alguns personagens-detetives da autora se repetem durante sua história com a escrita de narrativas, a exemplo de Miss Marple, uma das mais conhecidas na obra da autora. Esta personagem se encontra em mais de trinta produções. Miss Marple é uma uma velha mulher que resolve casos amadoramente; seus casos são, em sua maioria, casuais, em cidades pequenas do interior.

Outro detetive famoso, Hercule Poirot, um dos personagens mais conhecidos das histórias de ficção policial, é o que mais aparece nas suas obras, participando em um total de trinta e três novelas e sessenta e cinco contos, sendo, inclusive, detetive na narrativa *Os crimes ABC*. Poirot é de nacionalidade belga, importa-se muito com sua aparência; não é nada modesto quando se trata de suas habilidades, tendo também uma mente altamente dedutiva.

A história apresenta duas perspectivas narrativas, uma em primeira pessoa e outra em terceira pessoa. O personagem Capitão Hastings é o responsável por narrar os acontecimentos que ele viveu e narrar as vivências do personagem Alexander Bonaparte Cust.

2.2 Romance Policial

O romance policial é conhecido mundialmente e tem em Edgar Allan Poe como o criador do gênero, que: “extraiu o elemento de mistério dos romances góticos e fez dele o núcleo de três contos, começando com *The Murders in the Rue Morgue* em 1841. Com aquele conto. Poe estabeleceu um padrão que ainda é usado hoje.” (ROLLYSON, 2008, p. 1891 - tradução nossa³). Todavia, apesar do autor ter estruturado um ‘modelo’ que torna essa uma história comum na narrativa policial, as estruturas e características vistas nesse gênero foram encontradas em histórias escritas bem antes do primeiro conto de Poe.

De acordo com Scaggs (2005), no livro *Crime Fiction*, traços do gênero policial revelam-se desde a história de Édipo rei, que foi escrita por volta de 427 a.C. Nela encontram-se todos os atributos definidos por Scaggs para o romance policial: “[...] as características centrais e elementos formais da história de detetive, inclui um

³ extracted the mystery element from gothic romance novels and made it the core of three short stories, beginning with “The Murders in the Rue Morgue” in 1841. With that short story. Poe established a pattern that is still used today.

mistério em torno de um assassinato, um círculo fechado de suspeitos e a descoberta gradual de um passado oculto (p. 9 – tradução nossa⁴).

Nesse sentido, esse autor faz referência a Gamini Salgado, quando o historiador literário percebe que a composição da tragédia de vingança criada por Sêneca se assemelha extremamente à histórias de detetives, como demonstrado no seguinte trecho:

A primeira parte da estrutura identificada por Salgado é a exposição dos acontecimentos que levaram à situação de vingança, na tragédia de vingança, ou investigação, no romance policial. A segunda parte da estrutura é a antecipação enquanto o vingador planeja sua vingança ou o detetive investiga o crime. A terceira etapa é o confronto entre o vingador e a vítima, seguido pela execução parcial do plano do vingador, ou, como é frequentemente o caso com a investigação do detetive no romance policial, o vilão a frustra temporariamente. A parte final é a conclusão do ato de vingança, ou, no caso da ficção policial, o sucesso final do detetive em levar o vilão à justiça (SCAGGS, 2005, p. 11-12 apud SALGADO 1969, p. 17 – tradução nossa⁵).

Essas histórias contadas sobre crimes que aconteciam tinham o propósito de promover uma percepção de que a criminalidade estava sendo controlada e que essa ideia de vingador vem para suprir essa ausência da justiça. Essas surgiam e ressurgiam como aviso do que aconteceria com quem não obedecesse às leis básicas da sociedade, sendo elas uma forte fonte de alerta para a sociedade, preocupando-se sempre com o controle do crime.

Em outra perspectiva, o romance policial logo é associado ao gótico;, no entanto, os gêneros se diferenciam pelo fato de que o suspense policial traz investigação e resolução de crimes, enquanto o gótico, em suas especificidades, irá abordar o terror, a atmosfera e o espaço sombrio. Tendo ciência de que o gótico faz uso do mistério, é necessário esclarecer que, nesse gênero:

[...] o mistério deixa de ser apenas um dos elementos de uma história para ser o propósito central de uma história. Os romances góticos, que antecedem o mistério moderno, utilizavam elementos misteriosos em seus enredos, muitas vezes usando o sobrenatural em combinação com segredos de família obscuros e escondidos há muito tempo que foram

⁴ the central characteristics and formal elements of the detective story, including a mystery surrounding a murder, a closed circle of suspects, and the gradual uncovering of a hidden past.

⁵ The first part of the structure identified by Salgado is the exposition of events leading up to the situation requiring vengeance, in revenge tragedy, or investigation, in the crime novel. The second part of the structure is anticipation as the revenger plans his revenge, or the detective investigates the crime. The third step is the confrontation between revenger and victim, followed by the partial execution of the revenger's plan, or, as is often the case with the detective's investigation in the crime novel, the villain's temporary thwarting of it. The final part is the completion of the act of vengeance, or, in the case of crime fiction, the detective's final success in bringing the villain to justice.

revelados aos leitores lentamente ao longo de suas páginas (ROLLYSON, 2008, p. 1891 - tradução nossa⁶)

Nesse contexto citamos William Godwin — o famoso novelista pai da escritora do romance clássico *Frankenstein*, Mary Shelley — trazendo um personagem que tem a mente dedutiva, ele se constitui um dos precursores a empregar essas características em um personagem. As narrativas como *The Adventures of Caleb Williams* (1794) de Goldwin, assim como as que surgem nessa mesma época irão se distinguir das que aparecem em períodos diferentes, pois surgem com a intenção de comunicar que os crimes cometidos no passado prejudicam a ordem social do agora.

Com intenções de ser uma fonte de alerta, sinônimo de proteção e controlar a criminalidade, o gênero, conseqüentemente, tornou-se popular em Nova Iorque, no século XIX, com os contos de Poe e, em Londres, durante a Era Vitoriana, que à época era a cidade mais rica e violenta, o que viria a justificar também a popularidade de Arthur Conan Doyle e suas narrativas do famoso personagem Sherlock Holmes durante esse período.

E quando se trata dos personagens há várias nuances a serem consideradas. Por exemplo, embora *Os Crimes ABC* se trate de uma produção literária inteiramente fictícia, o personagem Franklin Clarke apresenta motivações para sua sequência de crimes que são comuns entre assassinos da vida real: o assassinato de parentes no intuito de herdar os bens conquistados por esses. Quando se aborda os percursos da mudança que o personagem pode apresentar, Antonio Candido (2009), numa discussão sobre personagens do romance, aponta que:

verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. (p. 52).

Portanto, mesmo não se tratando de realidade, os personagens podem apresentar características e motivações de pessoas reais, trazendo recortes da realidade consigo, algo muito comum na literatura, que sempre traz, implícito ou explícito, comportamentos e vivências de pessoas, quanto traços de uma época marcante; um período político conturbado com problemas sociais, etc.

⁶ mystery goes from being only one of the elements in a story to being the central purpose of a story. Gothic romance novels, which predate the modern mystery, utilized mysterious elements in their plots, often using the supernatural in combination with dark, longhidden family secrets that were revealed to readers slowly throughout their pages.

Divergindo de Clarke, o personagem que protagoniza o romance, Hercule Poirot, traz consigo qualidades quase irreais nas histórias em que aparece, uma vez que sua mente dedutiva e sua capacidade de conseguir captar todos os detalhes do que está ocorrendo em um ambiente. Essas características que ele carrega podem ser consideradas inverossímeis, no entanto, Candido (2009) esclarece que “a vida da personagem depende da economia do livro, da sua situação em face dos demais elementos que o constituem.” (p. 70), ou seja, apesar de Poirot manifestar capacidades que destoam da realidade, a verossimilhança a ser analisada é a que o autor cria dentro de suas próprias regras para o personagem dentro do contexto daquela narrativa.

Agatha Christie foi a maior escritora da Era de Ouro do romance policial, na Grã-Bretanha. Durante a década de 1920 e 1930 o suspense policial foi marcado por narrativas esteticamente semelhantes, compostas pelos grandes escritores do gênero, esses autores participavam do *Detection Club* que, como mencionado anteriormente, tinham algumas regras a serem seguidas, uma dessas regras seria que os criminosos dos livros se revelariam os menos suspeitos dentre os personagens.

Essa regra pode ser observada na narrativa *Os crimes ABC*, na qual os todos suspeitos que se tem durante a leitura teriam motivações para os crimes, por exemplo, o assassinato da senhora A. Ascher pode ser ligado ao seu marido, que era alcoólatra, e à morte da senhorita B. Bernat pode ser associada a seu namorado, que era muito ciumento, ou às pessoas que costumavam não gostar dela, enquanto que a morte do sir C. Clarke não poderia ser associado a Franklin, pois não havia pistas claras que conectava ele ao assassinato.

Foi durante a Era de Ouro que foi fundado grupo ‘Detection Club’ e outra regra que os escritores tinham que seguir era a do ‘Fair Play’, que:

[...] está alicerçada na noção de que o leitor deve, pelo menos em teoria, ser capaz de solucionar o crime que está no cerne de uma história de detecção, e por isso deve ter acesso às mesmas informações que o detetive fictício. (SCAGGS, 2005, p. 27 – tradução nossa)⁷

Em *Os crimes ABC* também é perceptível esse estilo, pois o leitor, na maioria das vezes, não consegue descobrir numa primeira leitura quem é o verdadeiro

⁷ The idea of fair play is grounded in the notion that the reader should, at least in theory, be able to solve the crime at the heart of a story of detection, and for this reason should have access to the same information as the fictional detective.

culpado, no entanto, quando parte para uma segunda leitura tendo conhecimento sobre quem é o assassino, ele encontra todos os indícios mostrando que havia pistas óbvias, que indicavam claramente para o assassino, mas, devido à forma de descrever os fatos da autora, essas pistas conseguem passar despercebidas.

2.2.1 Suspense e Efeito

A teoria do efeito teve suas discussões desenvolvidas pela primeira vez com o poeta, escritor e crítico literário Edgar Allan Poe, a partir do ensaio *A filosofia da composição*, publicado no ano de 1846. No ensaio, o autor discorre acerca da relevância de uma escrita pensada detalhadamente, como Poe expõe no trecho a seguir: “É meu desígnio tornar manifesto que nenhum ponto de sua composição se refere ao acaso, ou à intuição, que o trabalho caminhou, passo a passo, até completar-se, com a precisão e a seqüência (sic) rígida de um problema matemático” (POE, 2016, p. 3). Neste ponto, Poe enfatiza a ideia de que escrever poemas e contos não se trata de algo espontâneo — como costumava-se pensar no Romantismo — mas, sim, algo milimetricamente planejado.

Partindo desse ensaio, Poe aponta justificativas das suas escolhas pessoais na criação dos elementos estéticos no seu famoso poema “The Raven” (“O Corvo”). De acordo com Poe (1846) dentre alguns atributos que ele considera indispensáveis, a criação de um efeito é primordial. Este aspecto deve ser refletido antes de ser pensado nos acontecimentos extraordinários que serão adicionados no enredo, e esse efeito criado então deve atingir o leitor.

Portanto, uma criação artística que envolve o suspense, os elementos que são escolhidos e criados por seus artistas são pontos fundamentais para causar um efeito no leitor. Esses efeitos são explorados de diferentes formas e também dependerão do âmbito artístico — cinematográfico, literário, etc — no qual estão sendo inseridos. Na literatura, especificamente no romance policial, os autores compartilham algumas estratégias narrativas em suas obras que são capazes de promover esse efeito no leitor.

Ao pensar sobre o estilo de escrita, é possível fazer uma análise dos procedimentos utilizados por Agatha Christie para escrever seus romances e delinear alguns dos elementos subjetivos em seu processo criativo.

O autor John Curran (2010) teve contato com os diários de Agatha e percebeu que nesses cadernos continham informações não apenas sobre as ideias, mas também sobre suas coisas do dia a dia — números de telefones, palavras cruzadas. A autora havia admitido em entrevistas que não ter uma técnica para escrever, todavia após Curran analisar esses escritos nos cadernos e perceber que não havia uma sequência lógica concluiu que: “[...], essa forma aleatória era o seu método; era assim que ela trabalhava, que ela criava, que ela escrevia. (CURRAN, 2010, p. 58). A partir do estudo desses cadernos e das anotações aleatórias de Christie, não é possível de ser feita uma detecção do seu ponto de partida, uma vez que as ideias postas em suas anotações aleatórias.

O suspense e a surpresa no romance policial precisam ser devidamente elaborados, posto que esses aspectos são essenciais para causar o efeito desejado para o gênero. Assim, algumas definições e construções padrões desses aspectos necessitam ser esclarecidas, para que haja um entendimento abrangente do assunto para assim entender suas especificidades.

No artigo *Suspense, Structure, and Point of View*, Klismith (2014) aponta que: “suspense é o resultado de uma estrutura e de um ponto de vista” (KLISMITH, 2014, p. 2 - tradução nossa⁸). E quanto à surpresa é citado que: “[...], a habilidade de um autor de manter a dissonância cognitiva — de pensar como ambos, escritor e leitor — é a chave para criar um texto que construa uma surpresa imprevisível.” (KLISMITH, 2014, p. 11 - tradução nossa⁹).

Em *Os crimes ABC*, Christie desenvolve o suspense por intermédio do sistema alfabético. Sendo utilizado do início até o fim, essa combinação torna-se essencial uma vez que:

[...] as ferramentas utilizadas devem ser usadas de forma consistente e em conjunto com outras ferramentas. A surpresa depende principalmente do suspense. O autor cria suspense por meio do uso que faz dos elementos da estrutura e do ponto de vista. (KLISMITH, 2014, p. 1 - tradução nossa¹⁰)

O alfabeto irá conduzir para a construção da incerteza dos acontecimentos, e são integrados elementos lógicos para que a surpresa ocorra de maneira verossímil

⁸ Suspense is the result of structure and point of view.

⁹ [...] an author's ability to maintain cognitive dissonance – of thinking as both the writer and the reader – is key to creating a text that builds to a mind-bending surprise.

¹⁰ [...] the tools put to use must be used consistently and be used in conjunction with other tools. Surprise relies primarily on suspense. The author creates suspense through his or her use of the elements of structure and point of view.

dentro dos padrões criados para aquela história. Além dessas ferramentas, é necessário que o autor pense tanto como escritor quanto como leitor.

3 AS CARACTERÍSTICAS DOS *CRIMES ABC*

3.1 A estrutura

Quando refletimos acerca de narrativas clássicas na literatura, e bem como toda forma de arte, muitas vezes nos questionamos sobre as origens destas, conjecturando sobre os possíveis impulsos criativos dessa ou daquela história.

Patricia Highsmith (2014) concebe o conceito de *Germ of idea* — germes de uma ideia, numa tradução livre — em que discute acerca do ponto de partida de um escritor para dar início a uma narrativa. Highsmith (2014) afirma que um germe de uma ideia para quem está escrevendo pode ser, literalmente, qualquer coisa e que: "algumas ideias de histórias nunca se desenvolvem pelo método partenogenético, mas precisam de uma segunda ideia para começar" (HIGHSMITH, 2014, p. 12 - tradução nossa¹¹). Portanto, é possível afirmar que muitas das histórias existentes não tiveram início com a trama principal que nelas contém. Como exemplo dessa premissa trazemos o título do romance, objeto dessa pesquisa, *Os crimes ABC*.

Na análise dos diários de Christie, Curran (2010) aponta o que aparenta ser o *Germ of idea* para a *novella* da autora, na qual a anotação se encontra disposta da seguinte forma: "E: Série de assassinatos — P encontra uma carta de um aparente maníaco — Primeiro — uma senhora de Yorkshire" (CURRAN, 2010, p. 55). Então, numa breve anotação sabemos que, nas iniciais se encontra a letra P, que é uma provável abreviação que Christie estabeleceu para Poirot. Assim, deduzimos que ele será o detetive dessa narrativa, e nessa não haverá apenas um crime, mas, sim, uma série de assassinatos, e essas anotações também nos provém descrições sobre a primeira vítima, e, por fim, indica que haverá cartas vindo do possível assassino.

A partir das ideias apresentadas no fragmento retirado dos diários de Christie, é perceptível que o *álibi ABC* não está presente na origem da composição do livro

¹¹ Some story ideas never develop by parthenogenetic method, but need a second idea to get them going.

— pelo menos não nas anotações — mas sim alguns fatos e acontecimentos aleatórios que são, de fato, vistos na narrativa.

A característica apresentada do *Germ of idea* de ser o que quer que seja, aparenta ser um padrão nas ideias da autora inglesa. Da análise que Curran fez em seus registros de notas, que um dia vieram a ser romances e contos, ele afirma que:

[...] o elemento mais inesperado nos cadernos foi, para mim, o fato de que muitas das melhores tramas de Agatha Christie não necessariamente surgiram de uma única ideia avassaladora. Ela pensava em todas as possibilidades quando criava o enredo e não se limitava a uma única ideia, não importava o quão boa ela parecesse. (CURRAN, 2010, p. 78)

Portanto, é possível analisar que esses germes de ideia fazem parte de uma linha de pensamento da autora. Todavia não saberemos qual a partida do ponto principal da história, o que estará passível de observação de acordo com o tema proposto é a estrutura utilizada.

A estrutura de um romance é substancialmente essencial para que se consiga atingir o propósito designado para aquela história que está sendo narrada, visto que essa é uma das premissas para tornar a narrativa envolvente para quem está lendo. Posto isto, ao dedicar-se a realizar uma análise minuciosa do texto criativo que tem como característica fundamental o suspense, é indispensável compreender que a disposição dos eventos ocorridos não será constituída integralmente de segmentos marcantes, e sim haverá uma variação de tom do texto no decorrer da história.

Na narrativa de Christie o que vem a corroborar com essa perspectiva de forma integral é que os acontecimentos narrados nem sempre serão excepcionalmente significativos, todavia para que o leitor experiencie o efeito, há uma oscilação entre informações significativas e não significativas e as menos relevantes são mais ressaltadas, para que o assassino seja descoberto apenas no momento em que a autora designou a sua descoberta.

O personagem Poirot, por exemplo, algumas vezes reúne os familiares e pessoas próximas das vítimas em seu escritório, e durante esses encontros atribui sentidos para esses, mas na realidade sempre confessa que essas reuniões não tem utilidade para os participantes, o que podemos considerar ações corriqueiras ou eventuais no âmbito narrativo e que às vezes, não corroboram para o desfecho da história.

— Então, você não quis dizer nada com suas palavras?

— O que eu disse poderia ser resumido numa frase curta. Em vez disso, eu me repeti *ad lib* sem que ninguém a não se Mademoiselle Megan se apercebesse...

— Mas por que você procedeu assim?

— *Eh bien...* Para tomar pé da situação! Infundi em cada um dos aqui reunido a impressão de que havia um trabalho a ser feito! Iniciar, digamos assim as conversações. (CHRISTIE, 2019, p. 137)

Nesse sentido, dentro da história a situação é atribuída ao detetive, ele faz com que os personagens acreditem que estão colaborando com planos importantes. Enquanto os leitores estão sendo distraídos, pelas técnicas de Christie.

A escritora Patricia Highsmith, que escreve acerca da teoria da escrita criativa para escritores, afirma que: “[...] a beleza do gênero suspense é que um escritor pode escrever pensamentos profundos e ter algumas seções sem ação física se desejar, porque a estrutura é uma história essencialmente viva (HIGHSMITH, 2014, p. 11 - tradução nossa¹²). Ou seja, os personagens não precisam necessariamente estar sempre em conflitos para se manter interessante. A título de exemplo, no romance policial não é obrigatório que seja do início até o fim com investigação. Além disso, o sistema adquirido pelo autor ou pela autora — especialmente no romance policial — irá conduzir o leitor para as deduções desejadas para cada momento.

No romance *Os crimes ABC* a estrutura que a autora estabelece tem início desde o título, isso torna-se explícito porque através do título surgem as primeiras suposições e inferências acerca do conteúdo do livro. Além disso, o fato de Christie ser um dos maiores nomes da literatura policial contribui para essa pré-leitura e possível compreensão que a própria estrutura do título pode fornecer, que irá ocorrer por intermédio do título do livro, da imagem (capa do livro) e da autora. Dito isto, baseado no entendimento a partir desses fatores — que se não externos e se assemelham — é perceptível de uma forma superficial que o romance irá narrar crimes com a sequência alfabética a princípio.

Após essas impressões preliminares — depois que iniciada a leitura — as primeiras páginas contêm múltiplas informações que irão colaborar na implementação da dúvida que futuramente, no decorrer da história, provocará a surpresa desejada. Como desde o primeiro capítulo é revelada a carta e no segundo capítulo tem o ponto de vista de A. B. Cust narrada em terceira pessoas:

¹² the beauty of the suspense genre is that a writer can write profound thoughts and have some sections without physical action if he wishes to, because the framework is an essentially lively story.

O SR. ALEXANDER BONAPARTE CUST se levanta da cadeira com atenção o que o rodeava em seu quarto acanhado. [...] Pegou um guia de trens e o consultou, pessoas batida à máquina. Com a caneta, assinalou então um dos primeiros nomes da lista.
Era sexta-feira, 20 de junho. (CHRISTIE, 2019, p. 18)

A princípio, é estabelecido pelo narrador da história a existência de dois pontos narrativos. Em seguida ocorre o reencontro de capitão Hastings, o narrador, com Poirot, após o seu distanciamento, e logo após esse reencontro o detetive comenta que sempre há casos interessantes quando se encontram, e, então, não tarda em apresentar a carta que inicia o caso, contendo nela as informações de data e local:

Sr. Hercule Poirot. Não é o fato que supõe solucionar mistérios que desafiam a capacidade intelectual reduzida de nossa pobre polícia britânica? Pois vejamos, sr. Sagaz Poirot, até que ponto é inteligente. Talvez não considere o assunto difícil de desvendar. Fique de olho em Andover, no dia 21 deste mês. Seu, etc, ABC. (CHRISTIE, 2019, p. 15)

Todavia, esses aspectos do alfabeto e do narrador serão discutidos posteriormente.

3.1.1 Os suspeitos e suas classes

Os suspeitos podem ser subdivididos em três classes que aqui serão divididos como *Classe A*, que contém os suspeitos que são próximos às vítimas — familiares, amigos, colegas de trabalho, etc —, a *Classe B* que é composta apenas pelo Alexander Bonaparte Cust, e, por fim, a *Classe C* que é composta pelo verdadeiro assassino.

Na *Classe A*, que tem como composição pessoas próximas, como o esposo da sra. Asher, a irmã e o namorado de Beth e etc, envolve a possibilidade mais plausível para os personagens que se fazem presentes no romance, em um primeiro momento. No assassinato da vítima da letra A, há uma carta que informa previamente esse assassinato e embora que, tenha sido encontrado um guia ferroviário ABC, aberto na localização da loja, para os personagens que estão acompanhando caso não há evidências suficientes para indicar que aquele assassinato está essas provas, pois essas ainda não são provas satisfatórias e nem suficientes.

Sendo assim, a maior suspeita do assassinato da idosa da tabacaria é o seu esposo, que não convivia com ela, mas frequentava sua loja para pedir-lhe dinheiro a fim de consumir bebidas alcoólicas e quando a sra. Asher o negava, ele a ameaçava de morte:

— E, segundo o que você diz, esse tal Ascher costumava ameaçar sua esposa?

— Exato. Ele ficava terrível quando bebia. Praguejava e jurava que amassaria a cabeça da esposa. Vida dura e ingrata teve essa sra. Ascher... (CHRISTIE, 2019, p. 27)

Por isso, a princípio, ele tem mais chances de ser o assassino, levando aos policiais, que estão examinando o local e tiveram acesso a carta que Poirot recebeu, a acreditarem na possibilidade de Franz Ascher ter escrito a primeira carta recebida pelo detetive.

No assassinato da letra B, a Classe A torna-se ainda mais suspeita pois se trata de uma menina jovem que gostava de sair com pessoas diferentes com intuito de se divertir. Nesse caso, quem veio a ser um dos suspeitos do caso foi seu namorado, que tinha muito ciúmes dela e constantemente a seguia para verificar sua localização e averiguar se estava saindo com pessoas diferentes. Nessa narrativa, o caso torna-se ainda mais suspeito quando o namorado da vítima relata um sonho para Poirot, onde ele assassinou a irmã de Betty — a jovem assassinada — da mesma forma que ela foi morta.

Essas classes dispostas serão cruciais para atingir a dissonância cognitiva, uma vez que o leitor está passando pelo apelo emocional da dúvida no processo de leitura, visto que, enquanto é pensado na possibilidade que o sr. A. B. Cust seja culpado, as pessoas ao redor das vítimas parecem tão suspeitas quanto ele. O fato do senhor Cust estar sempre numa segunda linha de pensamento durante alguns capítulos da narrativa causa essa sensação de contradição, gerando esse desconforto de não saber o que realmente está acontecendo.

Como discutimos, é possível observar a história de algumas perspectivas, nessa compreensão mais precisamente dicotômica. Portanto, estas seriam divididas através da visão dos personagens, com quem as limitações estão entre o que cada um deles tem no seu campo de visão. E também é visto a partir do olhar do leitor que as limitações estão no modo que a autora estrutura a obra.

Dito isto, iremos ter nos *Crimes ABC* as conclusões que a autora quer que os personagens tenham sobre aquela narrativa e temos as percepções que ela quer que os leitores tenham ao ler.

Então, partindo de uma perspectiva de personagens direcionado especificamente para a pretensão do assassino, o seu álibi é montado para que os personagens dentro do enredo concluam que o assassino em série é o senhor A. B. Cust. Assim ele utiliza todos os meios para que isso aconteça. Enquanto, há os objetivos da autora que, obviamente, serão mais abrangentes. Nesse sentido o leitor ficará dividido entre a *Classe A* e a *Classe B* de suspeitos.

3.2 Personagens, álibi e esclarecimento do caso

No tópico anterior comentamos sobre a estrutura do romance e como essa irá colaborar para que os acontecimentos sejam inesperados. Mas, além de sua estrutura, que está associada ao enredo ter a sua importância dentro do romance, os personagens, de certa forma, irão dar sentido e uma lógica para aquela narrativa.

A partir do momento em que se trata de personagem, é indiscutível a sua relevância. Sobre esse pontos, destacamos o que Antonio Candido explora, quando afirma que: "A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos" (CANDIDO, 2009 p. 51). É fundamental a compreensão de que o enredo e o personagem são complementares um do outro.

Nesse sentido, ao observar dentro da narrativa de Christie os personagens Alexander Bonaparte Cust e Hercule Poirot, é perceptível que os dois alcançaram a maior atenção do livro — conjuntamente com as especificidades do enredo — todavia eles trazem essa atenção de formas diferentes. Hercule Poirot irá se apresentar como o detetive, que vai solucionar o mistério dos assassinatos que estão ocorrendo. Além disso, o fator de ele ser um dos detetives mais conhecidos de todos os tempos ajudará a carregar a concentração e relevância para esses fatores, enquanto A. B. Cust trará essa atenção pela sua forte ligação com o caso, sendo ele parte da especificidade que traz a inovação para o livro.

Um fator que é relevante para a manutenção do suspense que está diretamente relacionado ao personagem é a verossimilhança, a história precisa que os pontos explorados nelas tenham sentido, obviamente, não precisa ser de acordo

com a realidade da vida, mas com a realidade proposta pelo autor ou autora. Nesse sentido Candido (2009) diz que:

Neste mundo fictício, diferente, as personagens obedecem a uma lei própria. São mais nítidas, mais conscientes, têm contorno definido, — ao contrário do caos da vida — pois há nelas uma lógica pré-estabelecida pelo autor, que as torna paradigmas e eficazes. (p. 63)

Por isso, dentro das histórias de detetives é preciso que essa lógica seja explícita, uma vez que não será atraente um caso que tem uma resolução, mas essa não é congruente de acordo com a coerência do texto.

Desse modo, Hercule Poirot precisa que as suas ações precisam de um enredo que seja explicável, para que as deduções feitas não causem estranhamento, uma vez que ele dispõe de uma mente com uma funcionalidade supera a capacidade humana, por isso, suas deduções são sempre bem explicadas — no caso, essas hipóteses são esclarecidas por ele mesmo — sempre mostrando o qual foi o percurso reflexivo que ele percorreu até chegar nas conclusões que ele chegou.

— *Mais si!* Deve raciocinar, refletir. Qual o objetivo do criminoso ao escrever tais cartas? Focalizar a atenção sobre o autor das mesmas, chamar a atenção para os assassinatos! *En vérité*, à primeira vista, isso não parecia fazer sentido. Mas aí então discerni a verdade. Tratava-se de chamar a atenção para um grupo deles... Não foi o vosso grande grande Shakespeare quem disse: “Não se vê as árvores mas a floresta?” (CHRISTIE, 2019, p. 234)

Nesse trecho o personagem está indicando uma das suas reflexões para chegar ao desfecho do caso, relatando suas percepções sobre o caso e mostrando como o sr. Cust se distanciava dos crimes cometidos, para finalmente conseguir acusar Franklin Clarke como culpado dos assassinatos cometidos.

A partir dos conhecimentos obtidos do que é um personagem buscaremos analisar brevemente os personagens Franklin Clarke e o Alexander Bonaparte Cust. Os personagens Sr. Cust e Franklin Clarke serão estudados conjuntamente ao álibi, indicando como os esses estão ligados e não a ele.

Dito isto, é necessário salientar que os elementos analisados envolvem as percepções que abrange o suspense e a surpresa, de acordo com Klismith (2014).

Os recursos que o autor faz uso em uma escrita de suspense necessita de um manuseio de constância para que se mantenha a lógica da narrativa.

O elemento que se faz presente no romance, já apresentado previamente, é a sequência alfabética, que, introduzindo de forma mais geral, contém uma rede de subelementos e dentro deles tem a constância necessária, deixando que a narrativa seja desprovida de repetições e também que não se torne superficial.

O álibi nessa narrativa é o aspecto que mais chama a atenção para tornar mais confusa a dedução de quem comete os assassinatos. O mistério em torno de crimes tão bem calculados, que parecem à primeira vista sem motivo algum, é colocado como foco da história posta em torno do alfabeto, principalmente dentro das primeiras letras ABC.

Além disso, quando se discute acerca da surpresa Patricia Highsmith (apud Lydia R. Klismith, 2014, p. 1) define-a como: “uma mudança inesperada de eventos logicamente consistente com os personagens dos protagonistas.” (p. 60 - tradução nossa¹³). Klismith irá enfatizar nessa definição a frase “logicamente consistente” pois “a surpresa não pode ser tão surpreendente” (tradução nossa¹⁴), ou seja, se o acontecimento destoar demais do que se passa na narrativa apenas para que seja completamente inesperado “parece surgir do nada para encurtar a história.” (p. 1-2 - tradução nossa). Então, é preciso que essa seja construída a partir de estratégias utilizando os elementos necessários para alcançar o objetivo.

Então, a partir das explorações feitas através dos elementos de constância, iremos examinar como se dá na narrativa de Christie a partir do álibi que Franklin Clarke planejou para acusar o sr. Alexander Bonaparte Cust e também será realizada uma análise de como a sua narrativa pessoal o acusa, revelando, assim, como F. Clarke se utiliza da história do personagem para planejar um álibi consistente.

O personagem A. B. Cust é apresentado através dos capítulos que são nomeados: *Não faz parte da narrativa pessoal do capitão Hastings*, esses como já mencionado são narrados em terceira pessoa, são capítulos curtos que retratam o que o sr. Cust está vivendo. Esses capítulos são extremamente relevantes para que o leitor seja atraído para ele.

¹³ an unexpected turn of events reasonably consistent with the characters of the protagonists

¹⁴ the surprise can't be too surprising. (p.1)

Esse personagem abrirá espaço para se desconfiar da sua pessoa não apenas por ter o nome com as três primeiras letras do alfabeto. Ele vai gerar desconfiança por estar sempre presente nos locais das mortes, ter uma máquina de escrever em casa e novos guias ferroviários.

Esses são os fatores mais externos e mais vistos do álibi, sabemos que o nome do suspeito é Alexander Bonaparte Cust, que as vítimas que são assassinadas moram em ruas com a mesma inicial de seu nome de acordo com a ordem alfabética, também que guias ferroviários são deixados dispostos perto dos corpos e aberto na localização da rua e por fim que as cartas são digitalizadas por uma máquina de escrever.

Além disso, temos as causas mais internas que serão reveladas mais para o final da história, que são esses o que irão sustentar o álibi de Franklin Clarke quando os casos de assassinatos finalmente chegarem ao sr. Cust.

Diante disso, temos a sequência que o torna suspeito. Sabemos, no decorrer da narrativa, que o personagem sofre de epilepsia, o que o faz acreditar também na possibilidade de ter cometido os crimes — como confessa a Poirot:

— *Mas você sabe, não sabe, que cometeu aqueles crimes?*
O sr. Cust ergueu os olhos. Seu olhar agora era claro e direto. Toda resistência que mantivera até ali desaparecera. Seu olhar era estranhamente sereno agora. — Sim — murmurou. — Eu sei. (CHRISTIE, 2019, p. 225)

Ele faz a confissão de um crime que não cometeu pois foi um guerrilheiro, no entanto, foi retirado depois que descobriram após um leve ferimento em sua cabeça que o sr. Cust poderia ter convulsões e em consequência dessas não saber o que fez em dados momentos. Tais fatos indicam o motivo do sr. A. B. Cust está aflito, sempre olhando os jornais e atualizações do caso, então, esses ocorridos colaboram para que durante o ponto de vista dele o leitor imagine que ele é o culpado, pois o mesmo acredita nessa possibilidade.

Outro aspecto responsável pela atmosfera que atribui a autoria dos assassinatos é o seu nome que, como já comentamos, tem a sequência alfabética; no entanto, o seu nome ainda carrega um peso maior uma vez que os nomes Alexander e Bonaparte são nomes importantes da história:

— [...] : Alexander e Bonaparte. Percebe as implicações? Alexander, o Grande, figura histórica de conquistador do mundo e supostamente invencível. Bonaparte, o grande imperador da França. Assim se poderia dizer que ele aspira um adversário, um adversário, digamos, de sua classe. (CHRISTIE, 2019, p. 207)

Nesse caso, a sua identidade iria colaborar para sucumbir a ideia de que ele estaria buscando chamar a atenção, numa tentativa de atrair os olhares para ele e não para os casos. Mas, seu nome tinha intenções de trazer curiosidade, todavia não por parte do sr. Cust mas sim por sua mãe:

— [...] Minha mãe me queria muito. Mas era ambiciosa, demais até. Eis por que me pôs esses nomes próprios ridículos. Ela alimentava certa ideia absurda de que eu seria uma figura de grande renome no mundo. Estava sempre me inculcando essa ideia... falando que querer é poder... dizendo que qualquer um podia ser dono de seu destino... enfim, ela dizia que eu podia fazer tudo! (CHRISTIE, 2019, p. 221)

É quando o personagem conhece o sr. Alexander Bonaparte Cust que lhe surge a ideia de cometer o assassinato de seu irmão sem que fosse incriminado por isso. O alibi era perfeito, um homem cujo as iniciais de seu nome eram ABC, matava as pessoas pela ordem alfabética de seus nomes e localizações. Cometeria dois delitos e chegaria facilmente no seu objetivo, Carmichael Clarke que morava na rua Churston, se encaixando perfeitamente no alibi. Atribuiria os crimes a um homem que tem as iniciais de seu nome com a sequência A, B e C, e o responsabilizaria de cometer tais assassinatos e a sua motivação seria a busca da fama nos jornais, livrando Franklin Clarke de qualquer suspeita.

Franklin Clarke irá se utilizar desses requisitos que o ex-guerrilheiro possui e de todo conhecimento que adquiriu sobre o Sr. Cust a seu favor, ele o conhece durante a ida em um bar onde uma pessoa com esse nome lhe chama a atenção. Nos dados relatados por Poirot, ele já tinha interesse em assassinar o irmão pois estava preocupado com o seu destino e com a possibilidade de seu irmão se casar, já que ele desejava herdar a fortuna de C. Clarke.

Esses dados irão aparecer apenas nos capítulos finais, que são dedicados para Poirot conversar e investigar Alexander Bonaparte Cust e o esclarecimento do caso, pois no desenvolvimento da narrativa são mostrados apenas os dados mais superficiais do mistério, que são apenas os materiais que envolve a sequência alfabética, e também a relação dos parentes e pessoas próximas com os assassinatos.

O personagem Franklin Clarke planeja o assassinato de seu irmão com o intuito de herdar toda herança conquistada pelo irmão; porém, o mesmo sabia que seria extremamente complicado esconder um crime como esse, uma vez que muitas

peças tem conhecimento de que Carmichael Clarke, irmão de Franklin, é dono de grades posses:

Sir Carmichael Clarke era um homem de muitas posses. Quem herdaria sua fortuna? Sua esposa, que estava desenganada, achava-se desligada de tal interesse, portanto os bens iriam para as mãos de *seu irmão, Franklin*. (CHRISTIE, 2019, p. 235)

No trecho acima Poirot, esclarece as motivações de Franklin Clarke. Ele esclarece que, há mais uma motivação para assassiná-lo além de querer herdar os bens de Carmichael Clarke de imediato. Essa seria a possibilidade dele envolver-se novamente com outra pessoa, e casar novamente, o que lhe arrancaria as possibilidades de receber a herança do irmão.

Numa ficção policial é importante que haja pistas para que o leitor possa também procurar solucionar o caso. Todavia, essas pistas nem sempre são relevantes para a solução do caso. Agatha Christie cria um ambiente em torno do alfabeto e traz esses dados para o foco como se fosse uma pista relevante. No entanto, como o próprio detetive que tem a mente dedutiva fala: “[...] como eu já havia suspeitado, que os crimes deviam se consumir de acordo com o sistema alfabético, mas tal fato, que pareceu decisivo para a maioria das pessoas, não alterou a questão principal para mim” (CHRISTIE, 2019, p. 228). Apesar de ele estar falando dos personagens, esse trecho demonstra exatamente como o leitor também foi deixado se levar pelas pistas que guiaram o caminho errado.

As cartas recebidas por Hercule Poirot são os primeiros elementos a aparecerem como pista para a resolução dos casos. Elas contêm informações sobre os assassinatos, mas não apresentam função alguma sobre a resolução dos crimes, pois nenhuma das mortes foi evitada com as informações dispostas nesses escritos. Assim, elas funcionam apenas com um falso indício para que o verdadeiro criminoso não fosse dado com suspeito tanto para os personagens quanto para quem está lendo.

As vítimas e as pessoas ao redor delas são outras fontes de distração. Franklin Clarke escolheu vítimas que tinham problemas com outras pessoas para que elas fossem culpadas em primeira instância enquanto o seu álibi não era desvendado. Como é exposto com a sra. Ascher, que logo após sua morte o primeiro suspeito se torna Fraz Ascher, seu esposo.

Além das cartas e das vítimas há uma série de outros fatores, como a máquina de escrever, os guias ferroviários, a empresa de meias e etc, que

colaboram para que esse suspense seja mantido até que a resolução seja entregue por Hercule Poirot.

3.3 Narrador

Em toda e qualquer narrativa é essencialmente relevante que haja um narrador para o desenvolvimento da história e, nesse ponto, a escolha feita pelo autor é extremamente importante para que a história cumpra o objetivo que ele tem ao construí-la. David Lodge, em seu livro *A arte da ficção* (2010) pontua que:

[a] escolha do ponto de vista a partir do qual se conta a história pode ser considerada a decisão mais importante que o romancista precisa tomar, pois tem um impacto profundo no modo como os leitores vão reagir, na esfera emotiva e moral, aos personagens e as suas ações. (p.36)

Porém, nesse gênero, a perspectiva de quem está contando a história ainda possui mais uma função considerável: ela também irá contribuir para que se mantenha o mistério de informações fundamentais para a resolução dos casos, a percepção do detetive se mantém consigo colaborando para que o criminoso seja descoberto no momento certo.

Edgar Allan Poe, que popularizou esse gênero em “Os assassinatos da Rua Morgue”, introduziu algumas técnicas de escrita que viriam a se repetir por outros autores, tornando esses mecanismos recorrentes nas histórias de detetive. Dentre as técnicas desenvolvidas, uma que pode ser identificada: é a história narrada por uma pessoa muito próxima do detetive, normalmente um amigo seu, que também tem conhecimento do crime, mas não tem o conhecimento de dedução do detetive.

Tal mecanismo utilizado é perceptível nos personagens mais populares do gênero, como no conto de Poe, que tem como detetive C. Auguste Dupin e seu amigo que não é nomeado, da mesma forma nos livros Sir Arthur Conan Doyle, que têm Sherlock Holmes como detetive e John H. Watson como o narrador, e, por fim, também nos contos e romances de Agatha Christie, com Hercule Poirot de detetive e Capitão Hastings, atuando como narrador. Esses narradores só presenciam e repassam a informação para quem está lendo, fazendo poucas interferências.

Os crimes ABC é um da longa lista de obras da autora Agatha Christie que tem Hastings como narrador. No entanto, nessa narrativa é identificado que, além desse personagem atuar como narrador, há a presença de mais um outro, mas, esse está em terceira pessoa. Todavia, o narrador mais relevante é o Capitão

Hastings, estando presente para contar a história que se passou. Tendo em vista que cada pessoa apresenta sua própria versão da narrativa, torna-se fácil compreender que uma mesma história vista por pessoas diferentes terão diferentes níveis de impacto e modos interpretativos para cada uma delas. Quando se trata de narrativa é necessário entender que:

A arte de narrar se baseia na leitura equivocada dos sinais. Tal como as artes divinatórias, a narração desvela um mundo esquecido em pegadas que encerram o segredo do futuro. A arte de narrar é a arte da percepção errada e da distorção. O relato avança segundo um plano férreo e incompreensível, e perto do final surge no horizonte a visão de uma realidade desconhecida: o final faz ver um sentido secreto que estava cifrado e como que ausente na sucessão clara dos fatos. (PIGLIA, 2004, p. 103)

Diante disso, o personagem Capitão Hastings irá contar os fatos a partir de sua perspectiva, do modo que ele está interpretando a situação, manipulando o leitor fazendo com que seu ponto de vista influencie a maneira que esse interpretará a história. Hastings é um personagem que tem o protótipo ideal para se compreender como se dá o posicionamento como amigo do detetive nas narrativas policiais; eles são sempre explicados de alguma maneira pelos próprios personagens, como, por exemplo, quando o próprio Poirot diz que a presença de Hastings é importante em diálogo com mesmo:

— [...] Pois seu destino é ficar a meu lado e me impedir de cometer o erro imperdoável.
— E o que chama de erro imperdoável?
— Não perceber o óbvio (CHRISTIE, 2019, p. 14).

Contudo, a partir de sua presença há uma explicação profunda que atinge pontos que transcendem a história contada em si. Poirot, como detetive de longa data, estará sempre por dentro de todos os detalhes, fazendo e eliminando conclusões com base em sua experiência e também por sua característica na qual compartilha com outros detetives do gênero, que é sua enorme capacidade mental, que vai além de um ser humano comum.

Essas características são definidas por Reimão (1983), que pontua que “narrador e leitor partilham do fato de não serem máquinas de raciocínio infalíveis e do fascínio pelas surpresas que as inferências deste homem-máquina podem causar” (p. 26), reforçando a percepção de que o leitor provavelmente não irá suspeitar do verdadeiro autor dos crimes com as informações fornecidas pelo narrador.

Algo comum que também pode ser destacado entre os narradores das histórias de detetives é a falta do sucesso no quesito de acertos nos palpites que eles dão sobre os seus suspeitos dos crimes. Suas deduções falham quase sempre; no entanto, esse erro dedutivo faz parte do processo do gênero e também da narrativa em geral. Piglia, em uma análise de um conto de Borges, afirma que: “a experiência de errar e desviar-se num relato se baseia na secreta aspiração de uma história que não tenha fim; a utopia de uma ordem fora do tempo, na qual os fatos se sucedem, previsíveis, intermináveis e sempre renovados” (2004, p. 104). As interpretações sobre uma narrativa sempre têm novas nuances, falhar durante o processo de investigação do caso é comum, essa falta de êxito garante o suspense e quase sempre o alcance surpresa que a história pode nos proporcionar.

4 CONCLUSÃO

Com apoio da base teórica a análise traz percepções sobre a estrutura de escrita, mostrando como essa é essencial, pois auxiliará na teoria bem definida e explorada do efeito. A partir disso, foi realizado um estudo que contribuiu para a observação que nos leva a perceber como Christie direciona a história para que o leitor carregue sua atenção apenas para o que ela deseja, em cada momento.

Os personagens, o enredo e o álibi são partes essenciais que estão dentro da estrutura, mas esses foram analisados de forma individual, os comportamentos dados a cada personagem novo e os já existentes, tais como Hercule Poirot e Capitão Hastings, irão ajudar para o suspense e a surpresa daquela narrativa assim como para as inovações e aspectos interessantes delas.

Diante do que discutimos aqui, percebemos que a autora Agatha Christie faz uso de técnicas bem pensadas para que quem está lendo seja conduzido a tomar conclusões que se adequam naquele momento para que o mistério não seja desvendado antes dela mesmo revelar. Nessa narrativa, Capitão Hastings, o narrador, faz o papel de mostrar os dados, e enfatizar apenas o que é interessante para suspense e a dúvida, trazendo assim ao final da história a surpresa esperada por parte do leitor.

Este trabalho pretende colaborar com os estudos críticos acerca das narrativas de Christie, pretendendo apresentar a mais pessoas uma narrativa policial, e considerar mais a autora no ambiente acadêmico, além de trazer mais

detetives fictícios para o conhecimento do público no âmbito brasileiro que pouco se é visto. Bem como, discorrer mais sobre a escrita de Christie e suas características como autora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, A.; GOMES, P. E. S.; PRADO, D. A.; ROSENFELD, A. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CHRISTIE, Agatha. **Os crimes ABC**. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2019.
- CURRAN, John. **Os diários secretos de Agatha Christie: 50 anos de mistério na criação**. São Paulo: Leya, 2010.
- FURTADO, Felipe. **Suspense**. E-Dicionário de Termos Literários. 27 de Dez. de 2009. Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/suspense>> Acesso em: 15 de Ago. de 2021.
- GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HIGHSMITH, Patricia. **Plotting and Writing Suspense Fiction**. Little, Brown Book Group. Edição do Kindle.
- KLISMITH, L. R. **Suspense, structure, and point of view: Building surprise in fiction**. Minnesota, 2014.
- Suspense. **Literary Devices**. 2010-2019. Disponível em: <<https://literary-devices.com/content/suspense>> Acesso em: 16 de Out. de 2020.
- LODGE, David. A arte da ficção. In: **Ponto de vista**. Trad. Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2010. p. 35-39.
- MAKINEN, Merja. Agatha Christie (1890–1976). In: RZEPKA, C. J.; HORSLEY, L. **A Companion to Crime Fiction**. Nova Jersey: Blackwell, 2010, p. 415-427.
- PIGLIA, Ricardo. Novas teses sobre o conto . In: **Formas Breves**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 89-114.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- POE, E. A. **A filosofia da composição**. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2544953/mod_resource/content/1/Poe.pdf> Acesso em: 6 de Jun. de 2021.
- REIMÃO, S. L. **O que é romance policial**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- ROLLYSON, C. E. Past and present mystery and detective fiction. In: **Critical Survey of Mystery and Detective Fiction**. Nova Jersey: Salem Press, Inc, 2008, p. 1891-1918. (rever)
- SCAGGS, John. A chronology of crime. In: _____. (org.). **Crime Fiction**. New York: Routledge, 2005, p. 7-32.